

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



Um musical para Brasília



Nos primeiros tempos, haviam o piado da seriema e o uivo do vento entre as tábuas das primeiras construções precárias. Era a música que se ouvia no ermo. Mas Brasília estava destinada a ser saudada com muita melodia naqueles primeiros e épicos anos.

Cinco anos antes da inauguração veio a primeira homenagem, a guarânia *Brasília*, registrada pelo goiano Trio da Amizade. Daí em diante, músicas saudaram ou criticaram a mudança da capital e Brasília nascia embalada por todos os gêneros.

Ainda em 1956, Linda Batista gravou *Nova Capital* (“Leva tudo pra lá, seu presidente/Mas deixe aqui nosso carnaval”) e no final do ano seria lançado o ufanista *Canto da nova capital*, de Dilermando Reis e Bastos Tigre (“Serás/ No Planalto

Central/ Refulgente fanal/ De riqueza e de paz”).

Essas são as primeiras das 37 canções que o livreiro Jorge Brito reuniu — com a ajuda de outras pessoas — e que sonhou reunir num musical, em mais um projeto que a pandemia engoliu. Mas sonhos não morrem nem envelhecem.

Essas canções foram extraídas de gravações feitas entre 1955 e 1960, incluindo algumas não lançadas e o indefectível *Peixe vivo*, com o Grupo de Seresta de Diamantina, disco que teve parte de sua tiragem

destruída a mando de um poderoso da época (1968), porque contou com a participação de JK na gravação.

Havia uma clara disputa entre opositores e apoiadores da nova capital. Se o paraense Billy Blanco reclamava em *Não Vou pra Brasília* (“Nem eu nem minha família/ Mesmo que seja/ Pra ficar cheio da grana”), Cid Magalhães, pseudônimo do futuro desembargador Milton Sebastião Barbosa, exultava em Brasília, *Cidade céu* (“Tu és o verdadeiro coração do meu país/ Brasília, capital feliz”).

O chorinho *Dançando em Brasília* foi a primeira homenagem do cavaquinho Waldir Azevedo à nova capital, ainda em 1959; premonitória, já que ele se mudaria para a cidade em 1971 (foi aqui, cortando grama, que ele perdeu um dedo da mão esquerda, implantado por cirurgia, num caso que rendeu um de seus mais belos choros, *Minhas mãos, Meu cavaquinho*).

Dilermando Reis, um dos maiores violonistas que o Brasil já ouviu, fez um disco inteiro em homenagem a nova capital, *Melodias da alvorada* (1960). Conta a lenda que Dilermando bem que tentou ensinar algumas notas musicais para o presidente Kubistchek, mas os instrumentos dele eram os pés, que deslizavam pelos salões.

Nesses primeiros anos a arquitetura de Niemeyer já deixava o mundo de boca aberta, mas o céu imenso começava a virar poesia. O primeiro registro foi em *Sob o céu de Brasília*, em que José Fortuna, usando a melodia de Dilermando Reis, vaticinou: “Tuas noites são lindas e no céu de anil/ Formado de estrelas o cruzeiro brilha/ É o divino Criador abençoando/As noites deliciosas de Brasília”. A música foi gravada por Francisco Petrônio.

A gênese musical de Brasília vai de *Adeus mangueira*, com o Trio de Ouro (Juscelino me chamou/ Eu vou morrer de saudade, mas vou”) a *Me leva seu presidente*, com Jorge Veiga (“Vou me embora e não levo/ Saudade da Guanabara”) e segue adiante. Vale até mais do que um musical.